

Círculo de Cultura

Eixo: Educação - Enfrentamento dos problemas locais, participação dos cidadãos e cidadãs visando um maior emponderamento e renovação democrática da vida social e política.

Título:

Terreiro Cultural: saberes populares como vivências educativas

CONTE, Guilherme Menezes – UFV – paderogm@yahoo.com.br

ZEFERINO, Jaqueline Cardoso – UFV – jaqueline.zeferino@ufv.br

OLIVEIRA, Ronilse da Paixão – Escola Estadual Santa Rita de Cássia –
ronilse2005@yahoo.com.br

BARBOSA, Willer Araújo- UFV - wbarbosa@ufv.br

Resumo

A experiência que relataremos tem como eixo de reflexão as trocas de saberes e experiências pedagógicas vivenciadas durante o Terreiro Cultural, realizado em agosto de 2013, na comunidade rural Córrego do Meio, localizada em Airões, município de Paula Cândido, Minas Gerais, Brasil. O encontro foi realizado pelo Programa Teia de Extensão Universitária da Universidade Federal de Viçosa (UFV) em parceria com a comunidade de Airões, Banda de Congo José Lúcio Rocha, Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata mineira (CTA-ZM) e Prefeitura Municipal de Paula Cândido. O objetivo do encontro foi proporcionar aos e às participantes, um espaço de vivências, reflexões e celebração dos saberes populares e da Agroecologia por meio de Instalações Artístico Pedagógicas, entendidas por nós como um espaço privilegiado de educação emancipadora e transformação popular. Participaram do encontro famílias, jovens, crianças e idosos de Airões e região, artistas locais, agentes políticos, mestres griôs, extensionistas, agricultoras e agricultores, educandas, educandos, educadoras e educadores universitários, grupos de Agroecologia, além de representantes de grupos de manifestações populares da zona da mata mineira como, capoeira, foila, dentre outros, propiciando um diálogo rico de saberes que contribui para o empoderamento dos e das participantes no enfrentamento dos problemas locais.

HOJE É DIA DE FESTA: A EDUCAÇÃO ACONTECE NOS TERREIROS

Alô Chico, alô João, alô Manoel, alô Cafundó, tão todos

af? Tamo sim senhor! Tão todos cansados? Tamo sim senhor? Tão todos com fome? Tamo sim senhor! Então vai cada um comer na sua casa. Acerta as vozes, reduz os instrumentos, tinga maratinga, cambaço o camaleão que eu também sou congo¹.

O Terreiro Cultural é um evento realizado desde 2007, a partir do Programa de Extensão Universitária Teia - UFV, em parceria com organizações e movimentos sociais da região, acontecendo em comunidades da Zona da Mata Mineira, onde se busca celebrar junto à comunidade a Cultura Popular e a Agroecologia por meio de estratégias pedagógicas, tais como Círculos de Cultura e Instalações Artístico Pedagógicas, gerando sensibilização e empoderamento popular para o enfrentamento dos problemas locais e transformações sociais. As Instalações Artístico Pedagógicas são cenários que guardam semelhanças com uma instalação artística em sua dimensão estética, na multiplicidade de “suportes” utilizados e na espacialização que monta e desmonta conforme o contexto em que se insere. Estas são lugares privilegiados de intercâmbio entre a sabedoria popular e o saber universitário. Elas são compostas por elementos da realidade e criam uma ambiência problematizadora e suscitadora da reflexão. Além disso, promovem um despertar de sensibilidades a serem re-simbolizadas e interdisciplinarizadas a partir da interpretação dialogada entre os participantes (ALVES et al. 2011).

O Terreiro Cultural possui caráter de excursão pedagógica e adapta sua estrutura e metodologia às diferentes realidades que encontra, sejam elas em processo de transição agroecológica ou sistemas de agriculturas convencionais dialogando com as especificidades de seus territórios, sujeitos e identidades. Busca também refletir com a comunidade sobre os modos de organização quanto às questões de gênero, geração, raça/etnia, produção, trabalho, renda, manifestações da cultura popular além de estabelecer trocas de experiências entre comunidades, organizações, movimentos sociais e participantes. Assim, propicia um ambiente fértil para a criação do que Santos (2003) chama de uma Ecologia de Saberes, ressignificando relações entre sujeitos, espaços, culturas e natureza, empoderando a comunidade e os sujeitos que a compõe enquanto sujeitos históricos, capazes de compreender e modificar a realidade.

Em 2013 realizamos o Terreiro Cultural de Airões com a temática Saberes Populares como Vivências Educativas, e organizou-se em seis Instalações Artístico Pedagógicas com os seguintes temas geradores: Cantinho da Comunidade; Mulheres e

¹ Embaixada da banda de congo para chamar os ancestrais.

Agroecologia; Nascentes e Agrobiodiversidade; Povos Originários; Crianças, brincadeiras e jogos; Mesa da Partilha: segurança alimentar e tradição.

Apresentaremos neste trabalho apenas as experiências vivenciadas com o grupo de mulheres no Cantinho da Comunidade e a Mesa da Partilha.

DA SALA PARA O TERREIRO: EXPERIÊNCIAS À SOMBRA DE UMA ÁRVORE

Uma Instalação Artístico Pedagógica, trás consigo a dimensão da boniteza do ensinar, unindo a ética e a estética que Freire (2011) coloca como dimensões fundamentais ao ato educativo. Portanto, é um espaço sensível e reflexivo, onde as pessoas vivenciam os conhecimentos dialogando-os com seus saberes e experiências pessoais e comunitárias.

A Instalação Cantinho da Comunidade foi construída dentro da ideia de leitura de mundo de Freire (1993), um espaço de auto reflexão da comunidade sobre o mundo, o território local, os seus saberes e sua cultura. Um lugar de autonomia em que as comunidades foram pensadas e ditas por suas moradoras. No Cantinho da Comunidade estiveram presentes apenas mulheres. Agricultoras, educadoras, benzedeadas, mulheres que constroem na luta cotidiana a transformação de suas realidades. Acreditamos que o recorte de gênero se fez por se tratar de uma Instalação que demandou cuidados e sensibilidade estética durante sua elaboração. Elementos historicamente pensados como femininos. Assim, os problemas de gênero foram emergindo sutilmente durante a Instalação.

A Instalação foi elaborada com elementos que expressavam à comunidade, como plantas, instrumentos musicais e artesanais cultivados na própria comunidade, objetos, fotografias, vídeos e outros elementos que surgiram durante o processo de construção do Terreiro Cultural, pois foram visitadas ao longo de dois meses, muitas famílias do entorno que não estavam ali presentes. Juntamente com esses elementos, propomos um Círculo de Cultura no qual foi confeccionado coletivamente um 'Mapa da Comunidade' destacando questões importantes tais como a religiosidade, a questão da água e da agricultura, educação, alimentação, bares, saúde, lazer, juventude, que o povo antigo luta pra manter na comunidade revivendo e reinventando suas tradições, enfrentando o êxodo rural.

Inicialmente, organizamos a Instalação na sala da casa que abrigava o Terreiro Cultural, e os próprios elementos do espaço compunham o Cantinho da Comunidade: quadros, orações, objetos religiosos e de ornamentação do Congado (coroa, espada,

pandeiro), fotografias antigas, plantas medicinais, mandioca, café, eucalipto, elementos que faziam parte da maioria das casas e quintais de Airões que havíamos visitado anteriormente. Percebemos como as pessoas que viam suas fotografias ou de pessoas conhecidas, paravam, chamavam outras pessoas para verem, contavam histórias sobre pessoas e lugares, sorriam, se emocionavam, faziam brincadeiras. Se reconheciam em suas próprias memórias e se fortaleciam (Coelho, 2011).

No decorrer do encontro mudamos a Instalação para o quintal para que mais pessoas participassem, já que o espaço dentro da casa era pequeno e isolado. Escolhemos a sombra de uma árvore localizada na porta da casa, potencializando o seu lugar pedagógico e simbólico, tão utilizado para a educação popular (FREIRE, 2003).

Ali, falamos sobre a importância da agricultura na comunidade; sobre os danos ambientais causados pelos eucaliptos por um ‘lucro imaginário’; sobre a importância do conhecimento sobre as plantas medicinais pra saúde, principalmente devido ao acesso precário à saúde pública; falamos sobre o Congado de Airões, como riqueza do povo negro, que vem divulgando sua história e sua cultura há mais de cento e vinte anos na comunidade e as diversas funções sociais que ele adquiriu, relembramos o povo antigo, parteiras, benzedeadas, sua importância e os processos que foram invisibilizando essas tradições.

DO TERREIRO PARA A MESA: O REMELEXO DE QUEIXO²

- Cubiça maringa o parente! O mestre do congado Antônio Boi grita puxando sua banda de congo para começar os trabalhos do dia do Terreiro. Aos sons de pandeiros, caixas de folia, sanfonas, cantos e conversas pelo quintal do falecido Antônio Celestino³, cerca de 250 pessoas se empareiam em um beco ao lado da casa antiga, um burburinho se forma ao redor de uma mesa ofertada com alimentos e bebidas. Está posta a Mesa da Partilha do Terreiro Cultural de Airões. Ali as pessoas comem, bebem e conversam sobre plantas medicinais, alimentos sagrados, comidas e bebidas típicas, jeitos e épocas para plantar e colher e segurança alimentar, conversam também sobre as consequências do uso abusivo de agrotóxicos.

A alimentação é um tema gerador fundamental para discutirmos a agroecologia e cultura popular nos Terreiros Culturais. Com a revolução verde, o campo e a produção de alimentos sofreram impactos degradantes tendo como carro-chefe o avanço da

² Expressão utilizada por mestre Boi para anunciar a hora da comida.

³ Pai do Mestre Boi.

monocultura para produção de commodities e a destruição da vida humana e da natureza. Dar visibilidade e fortalecer os saberes que preservam as memórias e as culturas alimentares locais, que preservam modos justos e sustentáveis de lida com a natureza e modos de produzir alimentos saudáveis foi um dos assuntos que nos mobilizou durante a preparação e realização do Terreiro.

Para a preparação, formamos uma equipe com membros da comunidade, extensionistas, educadores (as) e educandos (as) da UFV e representantes do poder público. Circulamos durante dois meses por mais de 500 km no território de Airões e região visitando famílias, mestres de congado, folia e calango, raizeiros, benzedeiros, parteiras, contadores de mentira e agricultores e agricultoras familiares. Nossos guias e anfitriões foram o Mestre Boi e sua esposa, também conga, Maria de Lourdes. Eles nos apresentavam as pessoas e seus lugares. Dona Alzira e os “milagres” do azeite de mamona, Raimundo Nianas um dos raizeiros da comunidade, Antônio Lambari animador de festa e contador de mentiras, Paulo Rapaz que aplica homeopatia em sua propriedade, Dona Inácia produtora do polvilho de araruta, Aparecida Benzedeira e José Leôncio com seu jeitinho de cultivar a terra sem prejudicar o “cabelinho” do solo. Essas e outras pessoas com seus saberes foram convidadas a participarem do Terreiro Cultural. Elas foram orientadas a levarem consigo um alimento típico de sua região para ofertar na Mesa da Partilha.

Na Mesa de Partilha, uma mesa de bambu e taquara construída por Boi um dia antes, o almoço é servido, seguido do lanche da tarde, alimentos trazidos pela comunidade. Cada planta, alimento, bebida, sobre a mesa serviam como “palavras geradoras” para a discussão que íamos fazendo. As pessoas, principalmente mulheres, relataram que para a produção do almoço do Terreiro foi feita a partilha dos ingredientes na comunidade. Uma mulher disse: “o milho é um alimento muito importante aqui na roça e hoje só encontra milho transgênico”, outra disse que antigamente se curava muitas doenças com plantas e raízes e hoje com os remédios além de serem caros não curam realmente.

Nas discussões em torno da mesa, vimos que as pessoas sabem fazer, plantar, cuidar da saúde e sabem o que faz mal. E sabem também que o que sabem está em risco de se acabar. A mesa da partilha, com saberes populares e acadêmicos, viabilizou uma construção coletiva de conhecimentos onde, resgatando e valorizando culturas que geram vida, conseguimos fazer uma crítica ao conhecimento científico e aos modos convencionais da agricultura.

UM LONGO CAMINHO: O CORTEJO EMANCIPATÓRIO DA EDUCAÇÃO POPULAR

O Terreiro Cultural considerando o relato das duas Instalações Artísticas Pedagógicas - Cantinho da Comunidade e Mesa da Partilha - mostra-se vinculado intimamente com os princípios da práxis eco-político-pedagógica freiriana, sendo um lugar onde os saberes populares e científicos são partilhados e reelaborados com a intenção de transformar a realidade local. Assim ele fortalece a autonomia da comunidade na discussão dos seus problemas, a partir da celebração e do diálogo de saberes.

Os problemas levantados foram discutidos ao mesmo tempo em que as fortalezas da comunidade eram evidenciadas e celebradas: a memória, a ancestralidade, as manifestações culturais, a participação popular, os saberes. Ao final do Terreiro Cultural foram encaminhadas conversas de articulação para um próximo Terreiro na comunidade, mostrando o quanto essa vivência foi importante tanto para a construção dos saberes acadêmicos, quanto para o empoderamento e conscientização da população de que a cultura popular é capaz de gerar transformações da vida.

Referências

- ALVES, L.C.F., MANCIO, A.B., BARBOSA, W.A., CARDOSO, I.M., JUCKSCH, I., COELHO, E.P., SANTOS, M.L., Troca de Saberes – Flores das sombras da tecnologia. TEIA/UFV, p. 11, Viçosa, 2011.
- FREIRE, Paulo. À sombra desta mangueira. 5 ed. São Paulo: Olho d'Água, 2003.
- _____. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 28 ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- _____. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- _____. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- _____. Comunicação ou extensão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- COELHO, Edgar Pereira. Pedagogia da Correspondência: Paulo Freire e a educação por cartas e livros. Brasília: Liber Livro, 2011.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. O Conhecimento prudente para uma vida descente. Porto, Afrontamento, 2003.